

NÃO SÃO GIGANTES, SÃO MOINHOS DE VENTO: AS DESVENTURAS DOS/AS EMPREENDEDORES/AS EM *TERRA BRASILIS*

THEY ARE NOT GIANT, THEY ARE WINDMILLS: THE MISFORTUNE OF THE ENTREPRENEURS ON *TERRA BRASILIS*

Janaynna de Moura FERRAZ¹

Recebido em: 13/05/2020
Aceito em: 05/06/2020

RESUMO

Trata-se de um ensaio crítico acerca do empreendedorismo. A exposição vale-se de uma metáfora da obra Dom Quixote de Miguel de Cervantes para situar as condições materiais sobre as quais os(as) empreendedores(as) brasileiros(as) estão postos. Discute-se, a partir do debate entre “oportunidade e necessidade”, como a ideologia atua ocultando, invertendo e naturalizando as relações de trabalho hodiernamente. Por fim, aponta-se a importância de investigar a prática empreendedora considerando as contradições das relações capitalistas de produção.

Palavras-chave: Prática empreendedora. Ideologia. Materialismo histórico.

ABSTRACT

This is a critical essay about entrepreneurship. The exhibition uses a metaphor from the work Don Quixote by Miguel de Cervantes to situate the material conditions on which Brazilian entrepreneurs are placed. It is discussed, from the debate between “opportunity and need”, how ideology operates hiding, inverting and naturalizing work relations today. Finally, it points out the importance of investigating entrepreneurial practice considering the contradictions of capitalist relations of production.

Keywords: Entrepreneurial practice. Ideology. Historical materialism.

¹ Doutora em Administração (CEPEAD/UFGM). Professora adjunta do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Vice-diretora gestão 2018-2020 da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais. Vice-Coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Estudos Críticos Trabalho e Marxologia.

— A aventura vai encaminhando os nossos negócios melhor do que o soubemos desejar; porque, vês ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todos as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; que esta é boa guerra, e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra. — Quais gigantes? — disse Sancho Pança. [...] — Olhe bem Vossa Mercê — disse o escudeiro — que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento [...] — Bem se vê — respondeu D. Quixote — que não andas corrente nisto das aventuras; são gigantes, são; e, se tens medo, tira-te daí, e põe-te em oração enquanto eu vou entrar com eles em fera e desigual batalha. (CERVANTES, 2005, p. 52)

Prólogo

Dom Quixote é um daqueles personagens clássicos da literatura mundial que é mais famoso que conhecido. Nosso valente cavaleiro, apaixonado por história de cavalaria, parte em busca de aventuras e em sua sorte encontra um nobre escudeiro, Sancho Pança, fiel até o fim. A lástima do nosso valente herói é que suas aventuras não são reais, são ilusórias, uma espécie de cegueira, que o faz idealizar uma donzela, Dulcineia, que sequer existe.

Há, também, nos dias de hoje, um Quixote, e é sobre eles(as) que iremos convidar o leitor e a leitora a viajar conosco na história de suas desventuras. Antes disso, porém, precisamos combinar uma premissa: nosso Quixote não é uma farsa, ele sofre do estranhamento e da cegueira parcial que estes tempos de batalha promovem sobre seu coração e suas forças. Nosso herói é o(a) empreendedor(a).

O Quixote Empreendedor/a e a COVID-19

O começo dessa história é o dia de hoje. Estamos no meio de uma pandemia. PAN-DE-MIA! Um tipo de situação que a gente só havia visto em livro de história e, no fundo, acreditava que se devia muito mais ao atraso da ciência que ao comportamento e às contradições da sociedade. No século XXI estamos presenciando estarecidos que, embora haja tanta ciência e tecnologia, um vírus está conseguindo desvelar uma série de contradições que a correria da vida contemporânea não nos deixam(vam) perceber, isso quer dizer que o problema não é apenas de progresso tecnológico.

Dentre nossas descobertas, talvez, o escancaramento da condição dos(as) empreendedores(as) no Brasil tenha sido uma das mais evidentes: pois os pequenos negócios não comportam o isolamento social e muitos fecharão as portas. Quem pode funcionar não tem tecnologia para reverter a operação para o digital, e quem não pode funcionar, não tem caixa para manter a operação.

De um modo geral, os pequenos negócios não conseguem ser rentáveis. Sua operação inteira só é capaz de custear os (baixos) salários e propiciar uma retirada modesta para o seu proprietário. Mesmo nos casos onde há lucro, não há acumulação de capital, isto é, não há reprodução do capital, o que poderia representar o aumento do negócio, por exemplo. Então, esses negócios terminam sendo um meio desigual para que uma parte significativa da classe trabalhadora continue sobrevivendo.

A despeito dessa desventura, os pequenos negócios são a maior parte das empresas (formais ou não) no Brasil. Tem sido assim desde que o mercado de trabalho fez sua “inauguração” em terra *brasilis*, lá pela década 1930, junto com a industrialização tardia do período entre Guerras. Com as poucas vagas nas fábricas, o trabalho conta-própria no Brasil tem ocupado a maior parcela

da força de trabalho. De maneira que, muito antes dos entusiastas do empreendedorismo virem falar de “coragem de correr de risco e resiliência”, os(as) trabalhadores(as) desse país já precisavam se virar como podiam.

E antes que imaginem que a situação dos trabalhadores formais seja substancialmente distinta, infelizmente não é. A maior fatia dos empregos “com carteira assinada” pode ser caracterizada pelos baixos salários, condições ruins de trabalho e de tarefas simplificadas. Como o trabalho informal é maior, se somarmos o contingente de desempregados, informais, os conta-própria, teremos uma imensidão de trabalhadores precarizados que pressionam os salários em geral para baixo.

Assim, a força de trabalho no Brasil pode ser simplificada resumida como uma multidão de pessoas trabalhando sem garantias, uma fatia menor, intermediária, recebendo até um salário mínimo e um pequeno grupo recebendo entre 2 a 5 salários.

Dentre esse grande grupo, o GEM (Global Entrepreneurship Monitor, 2018) indica que, em 2018, 52% das pessoas entre 18 a 64 anos no Brasil têm um negócio ou estão envolvidas na criação de um. A mesma pesquisa do GEM aponta que esses indivíduos responderam que seus maiores sonhos são comprar uma casa (49%), viajar pelo Brasil (45%) e comprar um carro (34%). Olhando para o panorama acima e para esses números do GEM, é de se desconfiar a incidência de “necessidade e oportunidade”.

Ora, o que seria “oportunidade” para quem ainda não teve recursos para realizar essas aquisições? A caracterização entre necessidade e oportunidade no relatório do GEM (e reproduzido pelos(as) pesquisadores(as)) é feita de acordo com a resposta do sujeito, e não se investiga as condições reais sobre as quais homens e mulheres necessitam para sustentar a si próprio e sua família. Então, não é realista aceitarmos a sustentação de um “empreendedorismo por oportunidade” no Brasil. E isso muda tudo.

Pouco importa o que afirmam o Sebrae², o GEM, a Endeavor³, a Globo (V.A.E.)⁴ ou o Bradesco⁵. Se investigarmos a partir de sua base concreta, veremos que o empreendedorismo no Brasil é uma panaceia, mas a prática empreendedora, não. Isso quer dizer que efetivamente as pessoas têm que se virar para encontrar um meio de ganhar a vida, mas é falso que isso trate de uma “oportunidade”, uma escolha ou mesmo sonho dourado de sucesso, é, antes, uma imposição do atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas.

Ao analisarmos a base concreta sobre onde as forças produtivas desenvolvem-se, poderemos perceber que nosso(a) empreendedor(a) é um Quixote que é levado a acreditar que é um bravo guerreiro e que luta contra gigantes. Quem seriam os gigantes? O Estado com seus tributos e os(as) funcionários(as) que querem salário maior e direitos.

Onde que já se viu? O bravo Quixote não tem férias, 13º salário, trabalha dia e noite para conseguir manter as portas abertas e seus funcionários não podem trabalhar um pouco no final de semana? Quanta má vontade! E o que falar do Estado?! O “Estado para tudo”, como diria a Endeavor, com tanta burocracia e tantos impostos que atrapalham o desenvolvimento do espírito empreendedor.

Porém, quando observamos as políticas públicas, percebemos que nas últimas décadas tem sido direcionadas reformas visando a redução da carga tributária para os pequenos negócios, a Lei do Simples, talvez seja a principal, todavia, ela não pode corrigir o que não é causa. No final

² <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/tipoconteudo/empreendedorismo?codTema=2>

³ <https://endeavor.org.br/inspiracao/>

⁴ <https://vae.g1.globo.com/especial-publicitario/>

⁵ <https://banco.bradesco/mei/quero-ser-mei.shtm>

das contas, a parte mais significativa do orçamento mensal costuma ser a folha de pagamento, o que nos leva ao gigante “funcionário, seu salário e seus direitos”.

A questão, porém, é que reduzir salário e tirar impostos não desenvolve economia nem aqui e tampouco na (poderosa) China. Então, como podem os ideólogos do empreendedorismo afirmarem que o empreendedorismo é o motor do crescimento econômico enquanto, na prática, fazem o contrário? Vamos analisar o caso do negócio do Nosso Quixote.

Quando Quixote diz que seu José precisa ganhar menos (e abrir mão de férias, 13º, descanso semanal remunerado, etc.), ele está defendendo que a família de seu José deve viver em condições piores para que ele possa retirar o (pouco) lucro que conseguia. Mas o problema da falta de lucro do negócio de Quixote é o salário mínimo de seu José? Será?

A COVID-19 demonstrou que não. Na verdade, pudemos constatar, quase que de forma imediata, que sem o trabalho de seu José não tem lucro, então, na verdade, a força de trabalho de seu José é que garante o lucro para o Quixote. Ademais, se os Josés e as Marias não tiverem salários mínimo (no sentido de um valor que os permita reproduzir sua força vital para continuar trabalhando), a quem o(a) empreendedor(a) irá vender seus produtos e serviços? Por suposto, este também não nos parece um caminho muito promissor para compreender as causas da fragilidade dos(as) empreendedores(as). E também nos ensina que gigantes não existem. Então, contra que nosso Quixote peleja?

Desvendando os gigantes

O que temos até agora? O Quixote que trabalha sem parar e mal consegue custear o funcionamento do negócio. Então sua luta é real, seu oponente precisa ser desvelado.

A maior parte dos(as) empreendedores(as) brasileiros(as) (70%) não têm nenhum funcionário(a), os poucos que os têm (15%) são os membros da família. Menos de 1% desses negócios tem entre 7 a 10 empregados(as). O faturamento de cerca de 80% desses negócios é inferior a R\$ 24 mil por ano (GEM, 2018). Não há oferta de crédito, os investimentos iniciais são economias próprias e/ou de pessoas próximas. Não há diferencial competitivo, as tecnologias não são novas, as expectativas de crescimento são modestas, condizentes com o cenário. É por isso que dizemos que não são gigantes, pois a causa real para a bancarrota do Quixote é outra, são os moinhos de vento.

Poderíamos supor, em um primeiro momento, que os moinhos de ventos são a ausência de crédito e a escassez de novas tecnologias. A ironia dessa constatação é que tem sido exatamente essa a cobrança que é feita aos(às) empreendedores(as): inove, supere as adversidades! Deve ser fácil inovar com corrente de Whatsapp e conseguir um investidor-anjo com o saldo do FGTS, que, devido às mudanças na legislação, pouco a pouco deixa de existir. Mas quando tiramos os olhos dos pequenos negócios e colocamos sobre os grandes, observamos uma situação bastante diferente. Analisemos mais a fundo.

O grande negócio tem oferta de crédito subsidiada pelos Bancos Públicos e contrata os(as) melhores egressos(as) das universidades públicas para compor seus departamentos de pesquisa. E quando quer inovar de maneira mais “inovadora”, faz uma competição entre as startups (olha os empreendedores aqui novamente) e só financiará aquela que tiver potencial de escala de produção. As demais permanecerão sonhando em suas garagens.

Quando os direitos trabalhistas são reduzidos e os salários são rebaixados, o grande capital manda embora e contrata mais barato, e, com isso, precariza exatamente aquela fatia da força de trabalho que está na parte de cima dos que estão embaixo. Porque, no caso do pequeno negócio, a maior parte das contratações já são informais, nada muda de imediato, a grosso

modo, a condição geral da classe trabalhadora piora, mas isso só é percebido mais adiante. O corolário tem sido: trabalhadores e trabalhadoras sem garantias legais, ganham cada vez menos e cresce o número de desempregados na mesma proporção que sobe o número de “empreendedores” precarizados.

O que nos leva a seguinte constatação, os moinhos de ventos é o grande capital. Enquanto o Estado é um dos seus instrumentos para movê-los, basta investigar a ação desse Estado neoliberal que teria que “sair da frente” dos empreendedores (precarizados), mas nunca abandona o grande capital. Seja na aprovação das leis que beneficiam suas atividades, na oferta de crédito e, especialmente, fomentando o apoliticismo e a ideologia do empreendedorismo como se fosse a única saída possível para a sobrevivência humana na Terra.

Quem em sã consciência não gostaria de não ter patrão? De poder planejar sua própria jornada de trabalho? De trabalhar com o que gosta? Contudo, todas essas promessas feitas à luz da ideologia do empreendedorismo evanescem todo quinto dia útil do mês e, assim, tem-se tornado cada vez mais evidente a falácia da liberdade (mercantil) em tempos de pandemia. O patrão seria, na verdade, a necessidade de subsistir e pagar os salários das pessoas que foram contratadas para vender sua força de trabalho. A jornada de trabalho será toda aquela que for necessária para escapar do prejuízo. O que se gosta fica para depois, o importante “agora” é conseguir pagar as despesas.

Do início ao cabo, o grande capital devora a solidariedade de classe entre os(as) trabalhadores(as). E, assim, onde deveria haver cooperação para produzir mais e socialmente melhor, aparece o concorrente. Onde deveria haver compartilhamento de conhecimentos, há o ataque à Universidade Pública para que sua produção científica seja apropriada privadamente e seu acesso restrito a poucos. Onde deveria haver recursos para a classe trabalhadora pudesse decidir o que e como produzir, tem-se a “ajuda” do Sebrae, que é tão eficaz quanto hidroxicloroquina para COVID-19. Não é curioso que não haja um só “empreendedor” na liderança nacional do Sebrae?

A cegueira que aflige Quixote é a ideologia do empreendedorismo, que pode ser explicada como desdobramento do estranhamento (re)produzido no atual estágio do capitalismo, cujo trabalho humano se dá distante de um horizonte emancipatório. As mudanças na forma clássica das relações de trabalho, portanto, servem tanto para ampliar a exploração quanto para ocultar tal situação.

Por isso, assim como em Dom Quixote, onde a cegueira não o permitiu visualizar que não eram gigantes, eram moinhos de vento, os(as) empreendedores(as) precarizados(as), ao tentarem enfrentar o “mercado” (o grande capital), lutam com as armas erradas diante da sua cegueira (a ideologia do empreendedorismo), que torna a batalha ainda mais violenta (fechamento das empresas, perda de dinheiro, seu tempo de vida ser destinado integralmente à ser um meio de sobrevivência). Entretanto, se o nosso Quixote soubesse que o inimigo é outro, é o Capital, talvez a luta ocorresse de outra maneira...

É por isso que se faz necessário que haja organização, união e cooperação buscando soluções políticas e econômicas para o enorme contingente de desempregados, desalentados e empreendedores precarizados no Brasil. E isso não virá nem do Governo e nem das Grandes Empresas. Se quisermos reagir ao avanço da exploração, teremos que começar pelas necessidades imediatas de reprodução da existência, observe na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, e verá que tem mais gente vivendo “por conta-própria” que de uma relação clássica patrão-empregado. E lembremos: quem produz a riqueza é o nosso trabalho, o que nos falta para dar esse primeiro passo é organização.

No romance de Cervantes, o fiel escudeiro Sancho Pança tenta intervir, que possamos nós fazer o mesmo. Podemos começar tratando a prática empreendedora como tal, tencionando a

ideologia do empreendedorismo contra a realidade para que se possa perceber as condições concretas para se viver no Brasil.

REFERÊNCIAS

CERVANTES, M. D. **Quixote de La Mancha**. Ebooks Brasil: 2005. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00008a.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

GEM (Global Entrepreneurship Monitor). **GEM Brasil 2018** (Sebrae e IBQP). Disponível <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/02/GEM-2018-Apresentação-SEBRAE-Final-slide.pdf>. Acesso em 11 maio 2010